



# CIBERJOR8

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO

O PRESENTE E O FUTURO  
DO JORNALISMO:  
TECNOLOGIA MÓVEL  
COMO DESAFIO



# CIBERJOR8

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO

O PRESENTE E O FUTURO  
DO JORNALISMO:  
TECNOLOGIA MÓVEL  
COMO DESAFIO

## Rotinas produtivas alteradas pelo ciberativismo: Um estudo sobre os emissores e o portal de notícias G1 de Brasília<sup>1</sup>

Daniel Mangeira<sup>2</sup>  
Fernanda Vasques<sup>3</sup>  
Marcelli Alves<sup>4</sup>

**Resumo:** De que forma o ciberativismo altera as rotinas produtivas do jornalismo? Esse trabalho pretende analisar o processo de apuração do portal de notícia *G1 Brasília*, da Globo.com, e entender o seu funcionamento a partir do advento das redes sociais na internet e do ciberativismo. Para tal, foi realizada entrevista com editor-chefe do G1 Brasília, Fausto Carneiro de Farias e, a partir dos estudos sobre os emissores e rotinas produtivas, a intenção é analisar de que forma os movimentos ciberativistas influenciam a rotina de produção do portal a partir das publicações feitas sobre as Manifestações de 2013, conhecida como *Manifestações de Junho* ou *Jornadas de Junho* e as Manifestações de 2015. Utilizamos a entrevista e análise de conteúdo quantitativa e qualitativa como métodos de análise conforme (DUARTE; BARROS, 2009).

**Palavras-chave:** Rotinas de produção jornalística; G1 Brasília; Ciberativismo.

### 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Artigo enviado na modalidade apresentação oral

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela UCB;

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação pela Unb. Professora assistente da UFOB

<sup>4</sup> Doutorando em Comunicação pela UnB. Professora adjunta da UFMA

Este trabalho tem como foco compreender o ciberativismo e como esse processo influencia, ou não, as rotinas de produção jornalísticas. Para tal, foi feita uma revisão bibliográfica além de um levantamento das coberturas realizadas pelo *G1 Brasília* de movimentos ciberativistas que ocorrem no Distrito Federal e no entorno, durante os períodos de junho a julho de 2013 e de janeiro a outubro de 2015.

Os períodos selecionados se justificam pois entre junho e julho de 2013 houve o grande despertar de vários movimentos ciberativistas, os quais muitos foram realizados em Brasília. Já o levantamento feito entre janeiro a outubro de 2015, justifica-se para avaliarmos como é a cobertura, atualmente, desses movimentos. A partir desses dados fizemos a análise sobre a cobertura nesse período. Em busca de uma resposta sobre quais foram essas possíveis mudanças e impactos que o ciberativismo trouxe para a rotina de produção jornalística, entrevistamos o editor-chefe do portal *G1 Brasília*, Fausto Carneiro de Farias. Para isso utilizamos o método científico de entrevista em profundidade.

## 2. CIBERATIVISMO

Segundo Cavalcante (2010), Araújo e Freitas (2012) e Rodrigues e Pimenta (2013) o ciberativismo tem início entre a década de 90 e a primeira década do século XXI. Nesse período, com o advento da internet, ampliou-se os debates em busca de mudanças de panoramas sociais. É dentro desse período, de aproximadamente 20 anos, que o ciberativismo ganhou visibilidade midiática.

Conforme Silveira (2010, p. 31), o ativismo virtual surgiu juntamente com a definição e padrões da internet. “Ele influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet”. Ou seja, o ciberativismo nasceu junto com a própria internet.

Já para Cavalcante (2010), o primeiro grande destaque do ciberativismo ocorreu com o movimento Zapatista<sup>3</sup>, no México, em 1994. Ele foi utilizado como base para que grandes ONGs internacionais como Greenpeace, PeaceNet e Anistia Internacional começassem a utilizar as ferramentas digitais, de forma especial a internet, para chamarem atenção a suas causas.

Portanto, o ciberativismo é um movimento organizado no ciberespaço, a partir da cibercultura e da utilização mais seria da inteligência coletiva (JENKINS, 2008), o qual busca trazer reais mudanças na sociedade, sejam qual for as causas motivadoras ou áreas de interesse dos movimentos. Essas ações são realizadas e

---

<sup>3</sup> O Movimento Zapatista é inspirado pela luta de [Emiliano Zapata](#) contra o regime autocrático de [Porfirio Díaz](#), que encadeou a [Revolução Mexicana](#) em [1910](#). Os zapatistas tiveram mais visibilidade para o grande público a partir de janeiro de [1994](#) quando se mobilizaram contra o [NAFTA](#) - acordo de livre comércio entre [México](#), [Estados Unidos](#) e [Canadá](#). O movimento defende uma gestão autônoma e [democrática](#) do território, a participação direta da [população](#), a partilha da terra e da colheita. Esse movimento foi um dos precursores da força do ciberespaço, conforme Cavalcante (2010, p. 52) “ Em declaração pública, o exército Zapatista contava a história de uma luta de mais de 500 anos pela autonomia, igualdade e liberdade dos indígenas e exigia o cumprimento de demandas básicas como o direito à terra e à alimentação. Em poucas horas as telas de computadores de todo o mundo irradiavam as notícias do levante”.

organizadas principalmente em redes cibernéticas, mas que devem fluir para o mundo real, para que assim essas mudanças ocorram na sociedade.

Desta forma, Ugarte (2007) explica que as ações ciberativistas são compostas por três vias principais, que seguem, segundo o autor, uma estratégia de empoderamento de pessoas. Essas vias são: discurso, ferramentas e visibilidade.

A partir deste tripé Ugarte (2007, p. 42) define o ciberativista como

[...]Alguém que utiliza Internet, e, sobretudo, a blogosfera, para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições. Um ciberativista é uma enzima do processo pelo qual a sociedade deixa de se organizar em redes hierárquicas descentralizadas e passa a constituir-se em redes distribuídas basicamente igualitárias.

Desta maneira, consideremos o ciberativismo como um conjunto de práticas ativistas, realizadas por movimentos sociais, a partir de meios cibernéticos existentes no ciberespaço – de forma especial na internet. Esses grupos se utilizam da cibercultura, e da inteligência coletiva, para disseminar e ampliar o apoio para suas causas, a partir da utilização das ferramentas cibernéticas disponíveis. A principal diferença desta forma de ativismo é o seu alto nível de alcance, e apesar de ocorrer em meios cibernéticos, o ciberativismo não deixa de ser um complemento do ativismo que ocorre no mundo real. Trata-se de uma nova cultura de ligação com assuntos de contexto regional e global.

### **3. COBERTURA DE MOVIMENTOS CIBERATIVISTAS NO G1**

#### **3.1 Manifestações de 2013 – Jornadas de Junho**

Consideramos o período, entre junho e julho de 2013, como o grande despertar dos movimentos ciberativistas no Brasil. Entre os meses de junho e julho de 2013, foram publicadas 1145 matérias, das quais 110 estavam relacionadas aos eventos ciberativistas e aos seus desdobramentos no portal G1 de Brasília.

#### **3.2 Manifestações 2015**

Desde as manifestações de junho de 2013, surgiram diversos movimentos ciberativistas, mas elas não ocorrem atualmente com tanta frequência como naquele período. Durante os meses de janeiro a outubro de 2015, foram levantadas um total de 68 matérias, entre as 7208 publicadas nesse período.

#### **3.3 Movimentos Agrários**

Inicialmente, os movimentos agrários podem até não parecer como movimentos ciberativistas, mas são bons exemplos de ciberativismo no Brasil

atualmente. Em Brasília, durante os meses de janeiro a outubro de 2015, ocorreram ações ciberativistas organizadas por esses movimentos que receberam cobertura do portal. Nesse período foram levantadas um total de 61 matérias.

Dessa forma, fechamos aqui a apresentação dos objetos de estudo, os quais totalizam 239 reportagens, sendo 129 matérias entre janeiro a outubro de 2015, as quais 61 foram de movimentos agrários e 68 sobre manifestações. Já no período de entre junho e julho de 2013, foram levantadas 110 matérias. Esse levantamento foi utilizado para a análise de conteúdo, apresentado na sequência.

### **3.4 Cobertura de eventos ciberativistas**

Para Fausto Carneiro, os eventos ciberativistas não alteram em nada a rotina produtiva do portal. “A rotina já está estabelecida e ela não se altera por causa desses movimentos, o que ocorre é que eles têm os valores notícias calculados para depois serem cobertos” (CARNEIRO, 2015).

Entretanto, na maioria das vezes, como mostra o levantamento, os movimentos ciberativistas têm um forte valor-notícia, visto que o portal tem interesse de noticia-los, mesmo quando os movimentos não são praticados por um grande número de pessoas. O jornalista explica que o monitoramento diário das redes sociais já é uma prática estabelecida e consolidada nas rotinas produtivas do G1, e que, portanto, não é feito exclusivamente por causa dos eventos ciberativistas.

Esses monitoramentos, servem para facilitar o acompanhamento das diversas ações que ocorrem nas redes sociais. “Já fazemos diariamente pré-heckagens nas redes sociais para vermos os possíveis eventos, então não existe uma alteração na nossa rotina” (CARNEIRO, 2015).

Ainda, com relação a esse acompanhamento das ações ciberativistas, quando perguntado se existe alguma forma mais tradicional de recebimento de avisos desses movimentos, como por exemplo releases, ato comum de assessores e assessorias de imprensa, e se por receber algum tipo de aviso, mais estruturado, o portal dava preferência para essa cobertura, Fausto Carneiro explicou que “normalmente não ocorre envio de releases, recebemos alguns avisos, mas não

altera em nada (a escolha pela cobertura de determinado evento)” (CARNEIRO, 2015).

Além disso, o jornalista também citou um exemplo do valor notícia aplicado pelo portal nesses tipos de caso. “O que ocorre é que precisamos selecionar o que é importante, por exemplo cai um avião agora em Brasília, eu vou mandar um repórter para cobrir esse evento, então da mesma forma uma manifestação está acontecendo agora, eu vou mandar um repórter para cobrir, fazemos assim como qualquer meio, uma seleção de notícias” (CARNEIRO, 2015).

Perguntando, então, se nem na época das manifestações de 2013 houve alguma alteração nas rotinas produtivas do portal, o levantamento mostra um aumento expressivo no número de matérias relacionadas a eventos ciberativistas, o editor-chefe do G1 respondeu que “não ocorreu (nenhuma mudança), o máximo que ocorreu foi que naquele período tivemos uma demanda maior para as manifestações, mas não alterou a nossa rotina” (CARNEIRO, 2015).

Aproveitando o gancho com relação a essa maior demanda que se teve na época, ao ser perguntado se nem durante esse período, algum texto foi publicado sem passar por edição, o jornalista respondeu que “não muda em nada, ele (o repórter) vai mandar o texto para edição e só depois vai ser publicado” (CARNEIRO, 2015).

### **3.5 As Redes sociais**

A partir das respostas dadas pelo jornalista, e editor-chefe do G1 Brasília, Fausto Carneio, ficou claro a importância e o poder das redes sociais para o portal. Inclusive, quando perguntado qual foi a principal utilização das redes sociais, durante os eventos ciberativistas das *Jornadas de Junho*, o jornalista explicou que “nesse caso nos usávamos as redes sociais mais para sabermos quando e onde estavam sendo marcados as manifestações” (CARNEIRO, 2015).

O fato, do Portal ser pautado pelas redes sociais, demonstra a força de uma das ferramentas usadas pelos grupos ciberativistas para divulgarem os seus discursos, e conseguirem realizar suas ações, que na época tinham uma ambição de ocorrer mais no mundo real do que no mundo virtual.

Esse poder, das redes sociais, fica mais claro quando perguntado diretamente ao jornalista se elas são utilizadas atualmente, dentro da rotina de produção do portal, principalmente como pautadoras. “Sim, as redes sociais nos servem como pautadores” (CARNEIRO, 2015).

Entretanto, é errado pensar que existe uma preferência pelas redes sociais em detrimento das outras formas de sugestões de pauta. Fausto Carneiro, quando perguntado se, por exemplo, eles preferem dar preferência as redes sociais em detrimento a envio de releases, o jornalista explica que “fazemos a avaliação do valor notícia, não tem muita relação de cobrir mais eventos enviados por assessoria em relação a eventos que são organizados pela internet” (CARNEIRO, 2015).

#### **4. Mudanças nas rotinas de produção**

Por fim, Fausto Carneiro é categórico ao afirmar que não vê o ciberativismo modificando a rotina de produção jornalística “Não, não vejo. Na verdade, para mim, o ciberativista é uma pessoa normal, assim como você e eu, só muda que ele utiliza as redes sociais para divulgar os seus atos” (CARNEIRO, 2015).

De certa forma, a definição dada pelo jornalista, não é completamente errada, contudo, ele destacou apenas uma das ferramentas utilizadas pelos ciberativistas para divulgar os seus discursos. Voltando a questão da alteração das rotinas de produção, o jornalista destaca que para ele “na verdade, vejo a tecnologia e as redes sociais alterando a rotina do jornalista” (CARNEIRO, 2015).

Novamente devemos fazer uma ponderação, visto que as ferramentas existem, mas as modificações só ocorrem, conforme Jenkins (2008), com a utilização correta desses meios. Nos casos dos grupos ciberativistas, conforme Ugarte (2007), eles utilizam essas novas ferramentas, as quais tem um alto poder de visibilidade, para divulgarem os seus discursos e conseguirem um empoderamento de pessoas.

Seguindo ainda essa linha de pensamento, Fausto Carneiro cita um exemplo de como o avanço e a criação de novas ferramentas estão alterando a rotina dos jornalistas. “Por exemplo assim que surgiu o *Twitter* eu abri uma conta lá e aí, uma situação de exemplo, seria que agora está acontecendo uma reunião da presidente



Dilma com seus assessores e ministros e uma das pessoas presentes na reunião *twittou* que ela irá cancelar o Bolsa Família, por exemplo, aí eu já pego essa informação e começo a escrever uma nota sobre o assunto, mas eu tenho um jornalista lá para confirmar essa informação assim que a reunião acabar, e isso já seria assim naturalmente, o que mudou foi que agora as coisas acontecem mais rápido, eu consigo ter acesso a informação mais rapidamente” (CARNEIRO, 2015).

O mais interessante é que esse mesmo avanço, de criação de novas ferramentas, destacados por Fausto Carneiro, é uma parte essencial, segundo Ugarte (2007), para o desenvolvimento e surgimento dos movimentos ciberativistas.

Ainda, segundo o editor-chefe do G1, a principal mudança sentida hoje nas rotinas de produção do jornalista da internet, em detrimento das rotinas tradicionais/mais antigas, é a velocidade e a facilidade traga pela tecnologia.

Portanto, para o jornalista e editor-chefe do G1, Fausto Carneiro, os grandes responsáveis pelas alterações nas rotinas de produção jornalística, são os avanços tecnológicos, que tornam cada vez mais rápido o processo de produção jornalística.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As rotinas de produção jornalística se alteraram por causa dos movimentos ciberativistas? Como é o funcionamento dessa rotina no jornalismo on-line? E a nova relação entre emissores e receptores, como está sendo administrada pelos meios de comunicação? Essas perguntas foram levantadas nesse estudo, e para respondê-las usamos um grande referencial teórico, levantamentos de notícias do portal G1 Brasília e uma entrevista com o editor-chefe do portal. Ao fim, conseguimos chegar a essas respostas após análises, levantamentos e interpretações.

De fato, o primeiro ponto a se destacar é com relação aos movimentos ciberativistas. O entendimento de como eles surgem, quais armas utilizam para chamarem a atenção do público e quais tipo de movimentos existem são descobertas a serem consideradas.

Com relação a sua principal arma, o discurso, temos que entender que o seu estilo não chega a ser uma grande novidade, entretanto, a novidade ocorre no momento em que esses grupos conseguem divulgar os seus discursos para um grande número de pessoas, por meio do ciberespaço.

Entretanto, é errado se pensar que esses movimentos ocorrem somente no ciberespaço, visto que, o seu objetivo é o de conseguirem mudar a realidade, e isso só é possível de ser feito no mundo real. Porém, é de se admirar a forma como esses movimentos são organizados no ciberespaço e conseguem ganhar força no mundo real, Ugarte (2007), mesmo tendo entre seus integrantes, no mundo virtual, pessoas que praticam o ativismo preguiçoso.

Entender as vias, que os ciberativistas utilizam para praticarem seus atos no mundo virtual – discurso, ferramentas e visibilidade (UGARTE, 2007) – além dos tipos de movimentos existentes – conscientização/apoio, organização/mobilização, ação/reação (CAVALCANTE 2010) – se fez necessário para entender o funcionamento desses movimentos, e em quais pontos eles influenciam as rotinas de produção jornalística.

Com relação a essas rotinas, o primeiro ponto a se ressaltar é a rotina de produção do G1, o portal utiliza características das rotinas tradicionais e da internet, não utilizando exclusivamente um estilo em detrimento do outro, mas sim uma união de pontos de cada um.

É interessante destacar a questão da existência do *gatekeeper* e *gatewatching*, no processo de apuração e produção das notícias do G1. A figura do *gatekeeper* ainda se mostra como a mais forte nas rotinas de produção, entretanto, o portal abre portas para que seu público também o ajude na produção de matérias, inclusive, essa prática de maior interatividade entre emissores e receptores, está migrando para os outros meios de comunicação do Grupo Globo, e de outros meios de comunicação, como demonstra o trabalho de Ribeiro (2014).

Segundo as afirmações de Fausto Carneiro, podemos chegar à conclusão de que: a cobertura de eventos ciberativistas não alteraram diretamente as rotinas

de produção jornalística do G1, e o que faz o portal cobrir, ou não, esses eventos é o seu valor-notícia.

Entretanto, o levantamento realizado nesse estudo, com 239 matérias publicadas no G1 Brasília, sobre as ações ciberativistas realizadas nos períodos de junho a julho de 2013 e janeiro a outubro de 2015, mostra que o valor-notícia desses movimentos está em alta no portal.

Destaca-se também que os movimentos ciberativistas começaram a entender as regras operativas do jornalismo e, por conhecerem, sabem como fazer para chamar a atenção dos meios de comunicação.

Outro ponto é com relação ao cuidado dado as matérias publicadas no site, visto que todas, segundo Fausto Carneiro, passam por uma edição antes de serem publicadas, processo que pode evitar problemas característicos das rotinas produtivas na internet, como a divulgação de informações erradas.

Sobre a força das redes sociais dentro do G1, é interessante perceber o potencial das redes sociais como fonte de pautas, inclusive, por isso, ele está presente na rotina diária de produção do portal.

Chegamos também à conclusão de que os movimentos ciberativistas, segundo Fausto Carneiro, não têm o poder de modificar as rotinas de produção jornalística, mas, na verdade, é o avanço tecnológico, em sua opinião, o grande responsável pelas alterações.

Contudo, esse mesmo avanço destacado pelo jornalista, é essencial para o crescimento e desenvolvimento do ciberativismo. Além do que, a força que as redes sociais ganharam dentro da rotina do G1, se deve também ao crescimento desses movimentos ciberativistas. O que nos faz pensar: o ciberativismo não altera as rotinas de produção?

Apesar de o editor-chefe não concordar, as suas respostas demonstram que vários fatores que desenvolvem o ciberativismo estão presentes na rotina do G1, o maior exemplo é o monitoramento das redes sociais, o qual é uma das principais ferramentas utilizadas pelos grupos ciberativistas atualmente.

Mesmo que esses movimentos não tenham diretamente o poder de alterar as rotinas, podemos afirmar que o ciberativismo, mesmo que indiretamente, participa do processo de modificação, como, por exemplo, no momento em que seus atos são organizados dentro das redes sociais, dando um maior poder para essas redes serem produtores de pauta, e isso acaba se refletindo na rotina do G1, que faz checagens diárias nas redes sociais em busca exatamente disso, de pautas.

Outra forma de exemplificar esse fato é como Varão e Ferreira (2014, p. 432-433) explicam

É possível afirmar que há uma significativa alteração das rotinas produtivas, considerando o advento das redes sociais na internet e sua utilização como fonte de informação, uma vez que jornalistas e redações profissionais passam a se “apropriar” do conteúdo postado nas redes para a produção noticiosa. É importante destacar que a mudança sinaliza para o reconhecimento da importância das redes no processo de apuração e filtragem das notícias, para um novo fluxo de agendamento on-line, mas também para, quiçá, uma alteração de cultura profissional.

Com relação as novas relações entre receptores e emissores, é correto afirmar que cada vez mais os receptores desejam participar do processo, Jenkins (2008), e com as novas ferramentas que surgem diariamente, as quais inclusive os grupos ciberativistas utilizam, os emissores tendem a sair, mesmo que aos poucos, da postura do *gatekeeper* para a do *gatewatching*, no qual, cada vez mais, será aberto espaço para os receptores participarem do papel de emissor.

Certo mesmo é que cabe ao jornalista se acostumar com essas novas tecnologias e realidades que mudam o seu cotidiano de trabalho, porque a partir de agora cada vez mais essas ferramentas serão utilizadas como fonte de informação (VARÃO; FERREIRA, 2014).

Além do que, o contando com os receptores, se dará cada vez mais de uma forma direta, chegando em momentos em que, inclusive, ocorrerá a troca de papel, onde emissor se torna receptor e receptor se torna emissor.

Sobre os movimentos ciberativistas, eles têm sim o seu papel de influência sobre o jornalismo, primeiro, pois eles utilizam as mesmas ferramentas as quais os jornalistas usam como fonte de informação, para divulgarem os seus discursos e organizarem os seus movimentos no mundo real. Segundo, que o seu poder de

valor-notícia também é muito alto para ser ignorado, o tornando mais um fator de alteração nas rotinas produtivas.

Agora, se por causa dessas alterações, ocorrem outras modificações, como, por exemplo, no processo de apuração das matérias, a questão de exercer funções extras como o de fotógrafo, ou de como trabalhar com essa maior interação entre receptores e emissores são questões levantadas ao fim desse estudo e que só poderão ser respondidas e aprofundadas em um novo trabalho de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W., FREITAS, E. **“Quanto custa mudar o mundo?” Análise da dimensão discursiva do ciberativismo na Wikileaks.** *Revista Fronteiras*, v.14, n.2, 2012.

CAVALCANTE, R. F. **Ciberativismo: como as novas formas de comunicação estão a contribuir para a democratização da comunicação.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Especialização em Estudo dos Media e do Jornalismo da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

Fernanda V. F., Rafiza V. **Agendamento das mídias na web: uma análise dos portais UOL e Terra | Scheduling web media: an analysis of the portals UOL and Terra.** *Razon y Palabra*. V. 20. 2016.

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência.** São Paulo: Adelph, 2008.

RIBEIRO, L. **Semiótica, Pragmaticismo e ARS no estudo de ações ciberativistas: estudo do caso Anonymous e as manifestações de junho de 2013.** VIII Simpósio Nacional da ABCiber COMUNICAÇÃO E CULTURA NA ERA DE TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS ONIPRESENTES E ONISCIENTES ESPM-SP – 3 a 5 de dezembro de 2014.

RODRIGUES, L. PIMENTA, F. J. P. **We are legion: A utilização de mídias sociais como recurso de mobilização no ciberativismo realizado pelo Anonymous Brasil.** In: Anais eletrônicos do XVIII Intercom Sudeste. Bauru: UNESP, 2013. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0207-1.pdf>>. Acesso em> 07 ago. 2017.

SILVEIRA, S. A. **Realidade aumentada, aprendizagem e práticas colaborativas em espaços híbridos.** Inc. Soc., Brasília: online, v.3, n.2, p.150-156, jan/jul 2010. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/134/167>>. Acesso em: 07 jul 2017.

UGARTE, D. **El poder de las redes. Manual para personas, colectivos y empresas abocadas al ciberperiodismo.** Madrid: Ediciones El Cobre. 2007.